

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FERNANDA ALVES DE ABREU

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROPOSTA DE
EMPODERAMENTO ANTIRRACISTA: uma revisão de
literatura

VITÓRIA

2023

FERNANDA ALVES DE ABREU

**POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO
PROPOSTA DE EMPODERAMENTO ANTIRRACISTA: uma
revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Bacharelado em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Luiz Loureiro

VITÓRIA

2023

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROPOSTA DE EMPODERAMENTO ANTIRRACISTA: uma revisão de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em 08/02/2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Luiz Loureiro
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Profa. Dra. Rosely Maria da Silva Pires
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Luis Irapoan Jucá da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Dedicado a Deus por seu amor e misericórdia em minha vida; e minha família, fortaleza que me auxiliou a chegar até aqui.

RESUMO

O presente estudo objetivou encontrar na literatura, por meio de quatro revistas, possíveis contribuições da educação física para a construção de uma educação antirracista, através do empoderamento de pessoas negras e conscientização das demais. Para isso, foi utilizada a revisão de literatura de natureza qualitativa. O recorte temporal ocorreu de outubro de 2012 a outubro de 2022, somando o total de 12 artigos encontrados. Como critério de exclusão foram analisados os resumos, sendo descartados aqueles que não se encaixavam na proposta de empoderamento de viés antirracista, restando 5 artigos para discussão. Foi identificado que o termo empoderamento possui diversas concepções, sendo a de Paulo Freire a mais recorrente.

Palavras-chave: Educação Física; Empoderamento; Antirracismo; Antirracista.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 1. COMPREENSÕES TEÓRICAS..... | 8 |
| 1.1 EDUCAÇÃO E PODER..... | 10 |
| 2. LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DOS ARTIGOS..... | 11 |
| 2.1 DA DISCUSSÃO: o que narram os artigos publicados acerca de empoderamento..... | 12 |
| 3. CONSIDERAÇÕES..... | 17 |
| 4. REFERÊNCIAS..... | 17 |

INTRODUÇÃO

Escolher um tema para a própria dissertação de conclusão de curso não é uma tarefa fácil, pois são muitas e distintas as possibilidades a serem exploradas. Contudo, o pensamento que me atravessou foi o questionamento de qual legado eu poderia deixar com a minha formação; como eu poderia retribuir o conhecimento que foi disponibilizado à mim, beneficiando de alguma forma os demais. Assim, fui refletindo sobre tudo que me representava e, como uma forma de autoafirmação de uma universitária negra, decidi levar adiante o tema do curso *on-line* que fiz sobre esporte antirracista, que ensinava como lidar com situações de racismo dentro do esporte.

Sabemos que o esporte, enquanto fenômeno social moderno, é atravessado por relações de poder que mobilizam discursos e práticas sobre questões sociais em seus diversos espaços de atuação, dando visibilidade aos sujeitos que o expressam e manifestam. Neste sentido, as desigualdades de oportunidades e de visibilidade demonstram como as relações de poder nestes contextos mobilizaram hierarquias e impedimentos, nos levando a refletir como tais espaços dos esportes, que em determinados momentos denominamos de educação física, pode possibilitar que a criança, o adolescente e o jovem negro se apodere de condições de entender como sujeito, primeiro corporalmente, e num segundo momento, social e politicamente.

Nesse viés, resolvi pesquisar na plataforma digital *Google Scholar* o que havia de trabalhos dentro da Educação Física que não apenas abordasse o racismo propriamente dito, mas formas de combatê-lo por meio do fortalecimento da autoestima de pessoas negras e conscientização das não negras utilizando-se de esportes. Desse modo, deparei-me com artigos de empoderamento como combate ao racismo quando, então, surgiu a ideia de reunir produções da educação física, ao longo dos últimos dez anos, que abordassem possibilidades de uma formação crítica e antirracista.

O vigente estudo buscou analisar qual/is ações antirracistas vem sendo desenvolvidas na área da Educação Física, visando o fortalecimento da autoestima de pessoas negras e conscientização de não-negras por meio de esportes. Para isso, se empenhou em compreender os diferentes conceitos de empoderamento utilizados pela Educação Física brasileira; verificar qual/is práticas corporais são identificadas em artigos publicados e analisar qual/is papéis a Educação Física vem exercendo dentro da temática antirracista.

Para o presente estudo foi utilizada a Revisão Bibliográfica, de natureza qualitativa, como método de pesquisa, compreendendo a importância do levante de obras que existem,

entendendo e aprofundando-se nos resultados obtidos. (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

A procura pelos artigos foi realizada no período de outubro de 2012 a outubro de 2022, abrangendo as revistas/periódicos: a) Revista Motrivivência, de qualis B2, por sua abrangente formação que une Educação Física, Lazer e esporte, sendo de responsabilidade da UFSC; b) Revista Movimento, de qualis A2, com produções científicas acerca da Educação Física, Fisioterapia e dança oriunda da UFRGS c) Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, de qualis B1, voltada para movimento e esporte; d) Pensar a Prática, de qualis B2, por seu caráter voltado para as Ciências Humanas e Sociais.

Os descritores pesquisados giraram em torno das seguintes palavras-chave: educação física; empoderamento; antirracismo; antirracista. Na sequência, foram reunidos os estudos encontrados, utilizando como critério, a priori, títulos que se encaixassem nos descritores propostos; a posteriori, foram levados em consideração os resumos que se enquadravam no tema proposto, realizando a seleção dos artigos que foram utilizados para a construção do trabalho. Contudo, foram descartados, por meio da leitura de resumos, artigos que destoaram da temática buscada.

1. COMPREENSÕES TEÓRICAS

Inicialmente, vamos apresentar e discutir na literatura acadêmica as diversas abordagens que debatem sobre o conceito empoderamento. É importante destacar que a educação física brasileira, não mais do que uma década, vem dando visibilidade para pesquisas e estudos que abordam esse conceito, estando esses voltados para questões étnicorracias, de gênero e grupos sociais.

Historicamente falando, o termo é antigo e surgiu no século XVI, oriundo da Reforma Protestante regida por Martinho Lutero. Revoltado com relação de dominação que a Igreja mantinha com as escrituras e fiéis, Martinho, em forma de crítica, elaborou 95 teses confrontando os atos da instituição religiosa e seu clero. Esse movimento de Lutero ficou conhecido por “*empowerment tradition*” e ultrapassou as barreiras religiosas, quando permitiu um desequilíbrio no controle sócio-político e religioso por meio da quebra da apropriação da informação (BAQUERO, 2012).

Dialogando com Kleba e Wendausen (2009) o termo possui origem inglesa e alguns autores optam por usar o termo “empowerment” neste idioma, a fim de manter a fidedignidade na tradução. Entretanto, mesmo tendo na literatura "uma abordagem voltada para melhorar a situação e a posição dos grupos mais vulneráveis", na tradição

anglo-saxônica do liberalismo civil e religioso a palavra empower tem como tradução os verbos transitivos autorizar, habilitar ou permitir conforme Kleba e Wendausen (2009), citando Stotz e Araújo (2004).

Em nosso texto adotamos a palavra empoderamento, já empregada por outros autores de língua portuguesa, compreendendo que existem dois conceitos de empoderamento mais empregados no Brasil:

Um se refere ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia; e o outro se refere a ações destinadas a promover a integração dos excluídos e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, etc, . (KLEBA e WENDAUSEN apud GOHN, 2004).

Porém, foi no ano da década de 60 que essa terminologia ganhou força, quando nos Estados Unidos começaram a crescer movimentos denominados “contraculturais”, como hippies e punks, que tinham como finalidade quebrar um ciclo de padrões, opressões e promover a emancipação social por meio da liberdade. (BAQUERO, 2012).

Tratando-se de literatura, o termo não possui única concepção formulada, sendo pensada diferentemente nas variadas matrizes teóricas. Apesar disso, há uma concordância entre autores que o empoderamento existe dentro do campo individual, comunitário e organizacional. (BAQUERO, 2012).

Desde já podemos caminhar por essa conceituação e entendê-la como um processo de busca por autonomia e autodeterminação, em que se desenvolve um senso de poder pessoal, o que não exclui a possibilidade de o sujeito possuir colaboração nessa trajetória por profissionais ou agentes externos ou estar subsidiado por uma Política Pública de órgão governamental.

Contudo, nesse momento, vamos discutir empoderamento pelas vias de outros autores que abordaram esse conceito debatendo outras instâncias e elementos de análise e como campo de descrição.

Para Carvalho e Gastaldo (2004) conceituamos empoderamento, inicialmente, como um processo que tem como objetivo possibilitar que os sujeitos tenham "um sentimento de maior de controle sobre a própria vida". Sujeito empoderado é aqui sinônimo de uma pessoa "comedida, independente e autoconfiante, capaz de comportar-se de uma determinada maneira e de influenciar o seu meio e atuar de acordo com abstratos princípios de justiça e de equilíbrio". Desta formulação derivam estratégias que buscam fortalecer a auto-estima e a capacidade de se mover ao meio e que procuram desenvolver mecanismos de colaboração coletiva.

Para Souza, C.G., Moreira, D., Bourguignon, J.A. (2014 apud PERKINS e ZIMMERMAN, 1995) o empoderamento individual diz respeito à percepção do indivíduo sobre a própria capacidade e importância na decisão de fatos importantes que conduzirão sua vida nos espaços comunitários e organizações, como condomínio, bairro, etc. Para isso, precisa sentir-se autoconfiante e necessário naquele espaço, para conseguir agir ativamente. (HOROCHOVSKI, 2009, p. 122 apud SOUZA.).

Corroborando com a ideia de criticidade do sujeito e do coletivo ROSO (2014) destaca o cuidado que é preciso ter para que o significado de empoderamento não seja resumido em “dar” o poder ao outro, como se coubesse a algo ou alguém [instituições] o controle e a exclusividade de autorizar que os demais tenham protagonismo. Pensado dessa forma, o empoderamento serviria apenas para unir grupos de excluídos dentro de um sistema que não os incentiva a organizarem-se e agirem, dependendo sempre de programas assistencialistas. (BAQUERO, 2012).

Entretanto, é em Paulo Freire que se encontra um conceito mais aprimorado do que seja o empoderamento (BAQUERO, 2012) e, com base neste, que o referente estudo será pautado devido ao exímio trabalho voltado para a educação, sendo discorrido mais a fundo no próximo capítulo.

1.1 EDUCAÇÃO E PODER

Temos que lembrar de Paulo Freire que, praticamente foi pioneiro em discutir esse conceito e pelos seus legados foi um marco inspirador de parte da literatura sobre empoderamento produzida por teóricos e profissionais de distintas áreas científicas, esses comprometidos com as mudanças sociais e o fortalecimento de práticas cidadãs questionadoras do *status quo*. Contudo, nesse momento, vamos discutir empoderamento pelas vias de outros autores que abordaram esse conceito debatendo outras instâncias e elementos de análise e como campo de descrição.

Para Freire, empoderamento trata-se da liberdade que vai além do individualismo, é uma liberdade em prol da independência social que parte de um processo político vivenciado pelas classes dominadas [em busca do protagonismo] e que tem como um dos pilares a educação (ROSO, 2014). Por meio dele, cria-se um pensamento crítico em busca de ações efetivas para romper com as relações de poder presentes na sociedade. Então, entende-se que para que se institua, o empoderamento depende de processos de conscientização e ação. (BAQUERO, 2012).

Primeiramente é preciso abrir os olhos para enxergar a complexidade das questões vividas e, então, começar a compreender [conscientizar-se] o que realmente precisa de atenção e modificação na sociedade. Contudo, é explicitado por Freire que não basta a palavra e o conhecimento do muro da escola para dentro, sendo a ação o ponto efetivo para uma nova realidade que só pode ser constituída por meio de ações políticas. (BAQUERO, 2012).

No que diz respeito ao processo de conscientização, Freire aborda a educação baseada no diálogo, entendendo a troca de conhecimento que há entre aluno e professor na interação de uma sala de aula, nunca sendo um momento de despejo de informações, mas promovendo a constante reflexão e problematização da realidade do ensino, que acarreta na emancipação social por meio da criticidade do conhecimento vigente. (BAQUERO, 2012).

Deste modo, é possível compreender a escolha do conceito de empoderamento desenvolvido por Paulo Freire, que nos atenta a concepção de que uma pessoa não educa a outra e nem a si, na verdade nos educamos simultaneamente nas relações mediadas pelo mundo em que vivemos. (ROSO, 2014).

Entretanto, não podemos nos esquecer que o empoderamento se dá, na sociedade brasileira, por meio de elementos culturais, sociais e econômicos. Um forte exemplo é o poder que o cabelo crespo pode trazer para aquele que o tem e aprende a se identificar positivamente com ele, afeiçoando-se as raízes afrodescendentes.

É sabido que vivemos em uma sociedade cujo racismo prevalece até os dias de hoje e seu reflexo resvala na auto afirmação da pessoa negra, afetando sua autoestima propagada por gerações. Contra essa dura realidade, o vigente estudo busca compreender: como a Educação Física tem contribuído na construção de uma sociedade antirracista? Mais do que isso, existem esportes sendo oferecidos para a promoção do empoderamento da pessoa negra e conscientização das demais etnias? Existem manifestações comportamentais possíveis de enxergar em pessoas que entram em contato com as práticas corporais empoderadoras?

2. LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DOS ARTIGOS

Foram encontrados 12 estudos de acordo com os descritores propostos: 5 na Revista Movimento, 3 na Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 1 na Revista Motrivivência e 3 em Pensar a Prática. Entretanto, quando tratou-se de “empoderamento”, alguns deles permearam caminhos diferentes ao que é proposto para o nosso estudo, não contemplando o empoderamento junto de questões raciais e educação física. Entre os achados apareceram os importantes temas: o empoderamento em prol da causa LGBT; empoderamento de mulheres

no esporte; empoderamento feminino no futebol e futsal e empoderamento na saúde mental. Ambos não farão parte da discussão do nosso trabalho devido a ausência de concordância com o que será discutido, apesar da rica temática. A seguir apresentaremos a discussão dos 5 textos restantes.

Quadro 1: descrição dos artigos publicados

| Títulos | Autores | Referenciais Teóricos | Revista e publicações | Instituição dos autores |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| A corporeidade “das pretas”: identidade e consumo nas estratégias políticas de empoderamento em um coletivo de mulheres negras na cidade de vitória | CARNEIRO e GOMES (2018) | MATTOS (2015); GOMES (2011) e SOUZA (1983) | Movimento, v.24, 2018 | Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) |
| Práticas corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento | NOGUEIRA <i>et.al</i> (2019) | FREIRE (1987); BRACHT (1999); VALOURA (2006) e NEIRA (2016) | Movimento, v. 24, 2019 | Universidade São Judas Tadeu (USJT) |
| Educação para as relações étnico-raciais na educação infantil: a história de Sophia | RAIMUNDO e TERRA (2021) | FREIRE (2013); FREIRE (1983) e BRAGANÇA (2016) | Movimento, v. 27, 2021 | Universidade Federal Fluminense (UFF) |
| Por uma educação física antirracista | NOBREGA (2020) | GOMES (2003); CARNEIRO (2017) e MARQUES (2018) | Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v.34, 2020 | Prefeitura de SP |
| “E o que eu tenho a ver com isso?” - Um exercício de “imaginação pedagógica” sobre o racismo na prática | TOLEDO (2021) | ALMEIDA (2019); GOMES (2017) e SILVA (2019) | Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v.35, 2021 | Universidade Estadual Paulista (UNESP) |

Fonte: a autora.

2.1 DA DISCUSSÃO: o que narram os artigos publicados acerca de empoderamento

Os autores CARNEIRO e GOMES (2018) discutem o empoderamento dentro de um contexto estético, político e empreendedor, por meio da análise de um coletivo capixaba de

mulheres negras denominado “Das Pretas”. Entre alguns projetos de autoafirmação que foram desenvolvidos pelo coletivo, destacamos três: a festa, estilo balada, denominadas Bekoo das Pretas, que oferece um espaço de lazer em bairro periférico, priorizando valores mais acessíveis na entrada para que as pessoas menos favorecidas possam usufruir, tendo a possibilidade de reafirmar a própria identidade em um ambiente totalmente voltado para a cultura negra, desde à música tocada, até os discursos feitos durante a festa exaltando a etnia.

Há também o Quilombinho, uma colônia de férias infantil que busca promover a cultura afro-brasileira, o autorreconhecimento e o resgate das histórias da ancestralidade afro em um espaço de brincadeiras e diálogos.

E o Encontro das Pretas, um evento gratuito e aberto à todos,

A programação inclui palestras de conscientização; workshops de tranças, turbantaria e penteados; cuidados com a pele e com os cabelos e maquiagem. Além de oficina com o coletivo nacional Meninas Black Power que discutirá a ancestralidade negra. Já na feira de exposição serão colocados à venda produtos relacionados à moda, beleza, cultura e culinária de empresas de empreendedores negros ou com produtos voltados à identidade afrodescendente, para todos os sexos e idades. (SÉCULO DIÁRIO, 2000-2020).

objetivando a valorização da pessoa negra e aproximação de suas raízes por meio de palestras e o empreendedorismo de mulheres negras que fazem de forma artesanal produtos como roupas, sabonetes e acessórios, havendo também poesias, palestras, a arte de trançar cabelos das mais variadas formas, entre outras coisas. Os projetos citados são abertos ao público e todas as pessoas podem participar, sendo negras ou não.

É oportuno falar da experiência particular que tivemos em idas à várias edições da festa Bekoo das Pretas, sentindo de perto o impacto e a importância de tais espaços, que nos despertam o orgulho de sermos como somos, encontrando estímulos para a construção de sujeitos mais seguros de suas heranças genéticas e culturais frente ao racismo instalado.

Dito isso, é possível compreender a concepção de empoderamento que CARNEIRO e GOMES (2018) trazem, fortemente ligada à autoestima da pessoa negra em relação a sua autoimagem. Para que possa haver a construção dessa autoestima que passa a respeitar seus cabelos, cor, formato de nariz, boca, é importante (re)descobrir a história de sua ancestralidade, com intuito de criar a própria identidade baseada no orgulho de trajetórias não contadas na história convencional e nem mostradas na mídia, dessa forma, acendendo a representatividade de ver-se, como um reflexo, ocupando grandes lugares de destaque. Há também a necessidade colocarem-se à frente do mercado, promovendo trocas entre criadores e consumidores de produtos pensados para o público negro, valorizando uns aos outros. Tudo isso gera representatividade no presente e colabora para que, no futuro, se percebam como

potência dentro da sociedade, ocupando todos os espaços possíveis, não apenas se contentando com à margem da sociedade.

Enquanto isso, em seu texto, NOGUEIRA *et al.* (2019) chama a atenção para a forma que a Educação Física vem abordando a teoria de Paulo Freire em artigos. Tal obra encaixou-se na proposta do vigente estudo por selecionar esportes, danças e lutas relacionando-as com o empoderamento, que faz parte das teorias freireanas. Diferente do texto de CARNEIRO e GOMES (2018), que discutia o empoderamento negro voltado para a estética, política e empreendedorismo, o estudo que discutiremos agora o relaciona com a Educação Física, sendo de suma importância para entendamos como a área vem sendo desenvolvida no viés crítico e reflexivo que diz respeito ao empoderamento.

O estudo, por meio de uma revisão bibliográfica, buscou compreender melhor as bases científicas usadas nas produções e se deparou com algo que já ouvi em sala de aula: o fato de a Educação Física priorizar o conhecimento cinesiológico, fisiológico e biomecânico, tratando as questões filosóficas, reflexivas e subjetivas como secundárias.

Ao encontro deste fato, destaca-se uma das hipóteses levantadas por NOGUEIRA *et al.* (2018) para a baixa produção com base científica em Paulo Freire na Educação Física, mesmo sendo este o patrono da Educação: o fato da Educação Física ter fortes raízes nas Ciências Biomédicas, que centraliza o conhecimento de forma quantitativa.

Corroborando com a discussão temos o autor Neira, referenciado por NOGUEIRA *et al.* (2019), ressaltando a importância que as práticas corporais possuem como auxiliadoras no processo de construção da linguagem corporal e comunicação com o mundo.

Entende-se que a partir da vivência e da interpretação das práticas corporais os seres humanos produzam a linguagem corporal, que possibilita aos indivíduos interagir entre si, comunicando-se e transformando-se por seu tocante expressivo. Logo, ao brincar, dançar, lutar, fazer ginástica e praticar esportes, a sociedade se apropria, ao passo que também transforma em uma relação dialética o repertório gestual que caracteriza a cultura corporal do cenário que se articula à sua volta (NEIRA, 2016 apud NOGUEIRA *et al.*, 2018).

Assim, fica explícita o impacto que práticas corporais possuem na formação de si e de uma sociedade, então devemos nos atentar cada vez mais sobre a capacidade da educação física ser muito maior do que apenas um contexto biológico, pois as temáticas que atravessam corpos e esportes também representam tomada de consciência, resistência e mudanças na realidade e, para que isso seja possível, é necessário questionar.

No terceiro estudo analisado as autoras RAIMUNDO e TERRA (2021) associam a Educação Física ao viés antirracista, por meio de ações efetivas para crianças em uma escola pública, utilizando da pesquisa-ação como *método científico*. Inicialmente é trazido um

resumo sobre o fato ocorrido na escola em que trabalhavam, na qual as autoras se veem sem reação [apenas silêncio] diante da cena de racismo sofrida por uma criança de quatro anos, que virou alvo de risadas devido ao cabelo crespo. Um ponto doloroso e curioso foi o ocorrido ser vivenciado em uma comunidade carioca denominada Mangueira, inclusive, famosa por sua notória e honrosa escola de samba Estação Primeira de Mangueira, sendo esse espaço habitado por pessoas, em sua maioria, negras.

Buscando contribuir de alguma forma com a reversão dessa cena e de todo racismo que muitas vezes nos cega, as autoras expuseram no texto a ideia da criação de um compilado de aulas direcionadas para o conhecimento de origens africanas e afro-brasileiras, a fim de promover a afirmação da identidade cultural destas.

Como justificativa para a adoção do conteúdo antirracista, é destacado no texto um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com diretrizes que orientam o professor/a sobre como a Educação Física “pode favorecer a consideração da estética do ponto de vista do bem-estar, as posturas não-consumistas, não preconceituosas, não-discriminatórias e a consciência dos valores coerentes com a ética democrática”. (BRASIL, 1997). Seguindo a experiência, a autora dá início às atividades com jogos e brincadeiras da cultura africana, filmes e histórias, confecção de bonecas Abayomi (criadas inicialmente em navios negreiros por mulheres escravizadas com pedaços de saia). Foi percebida a surpresa que as crianças demonstravam quando começavam a se identificar como negras, percebendo similaridades, demonstrando curiosidade, respeito ao outro e apreço pela contribuição de toda a cultura negra na formação da história do país.

Por meio do texto podemos perceber na prática como a Educação Física pode auxiliar na construção de cidadãos de olhar crítico, que tomam para si o protagonismo na composição de um país equitativo. Entretanto, para isso, é preciso que o docente tenha em si uma constante desconstrução de pensamentos, para que não naturalize as situações racistas [e tantas outras] que ocorrem diariamente e também para que ele possa buscar formas de trazer esse conteúdo para o corpo discente, criando ciclos de reflexões e ações em prol de uma formação emancipadora, assim como FREIRE (1987) nos alerta na discussão já feita no tópico 1.1.

Prosseguindo com a discussão, o artigo de NOBREGA (2020) também faz a correlação entre Educação Física e ações antirracistas, onde a autora discute as contribuições que professores negros da Educação Física trouxeram para uma rede de escolas, por meio da pedagogia do movimento. Com uma observação não citada diretamente nos outros textos, NOBREGA (2020) aborda a importância da intelectualidade do feminismo negro quando o

assunto é antirracismo, enfatizando que, dessa forma, é possível quebrar o ciclo de invisibilização das variadas contribuições à nível cultural e social apagadas pelo que se chama de “saber ocidental”. Entretanto, como nos demais, é evidenciada a importância inicial de tomada de consciência, nesse contexto denominada de “consciência negra” e explicada como constituição de identidade, restituição do auto-respeito e não-vergonha/negação sobre o fato de ser negro.

Na sequência, identidade profissional e identidade política são unificadas como necessidade para a promoção da temática antirracista, visto que a autora destaca que ainda existem escolas que não seguem a Lei nº 10.639/2003, que coloca como obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira na educação básica. Dessa forma, acaba ficando nas mãos da docência a percepção sobre a importância do assunto, colocando-o em prática. Entretanto, nem sempre haverá um professor sensível a uma realidade que ele não vive, principalmente por não ser negro e esta é uma justificativa que nos faz compreender o porquê de NOBREGA (2020) ter evidenciado a importância da intelectualidade negra para desenvolvimento de trabalhos antirracistas e representatividade no meio acadêmico e política pública que atenda a demanda das necessidades de pessoas negras.

Para a última discussão há TOLEDO (2021), mantendo a sequência de textos voltados para o antirracismo. A autora busca ao longo do texto desafiar-se por meio de indagações sobre suas atitudes em sala, como aquela que dá nome ao título “e o que tenho a ver com isso?”, como uma ferramenta, denominada de imaginação pedagógica, para pensar diferentes possibilidades que possam vir a resolver problemáticas.

Uma concepção frisada em várias partes do texto é o racismo estrutural, para que entendamos o que é e como se manifesta na prática esportiva. O racismo estrutural, como seu nome leva a entender, é a estrutura que sustenta a sociedade na qual vivemos, sendo o racismo uma via de regra e não apenas a exceção como cita TOLEDO (2021). Dialogando com ALMEIDA (2019), compreende-se por racismo estrutural o reflexo de um problema que está enraizado na sociedade e reproduz o racismo de forma tão comum, que acaba levando a um ciclo no qual diferentes instituições normalizam a inferiorização de pessoas negras em todo e qualquer espaço.

Para que possamos combatê-lo e criarmos uma educação antirracista, é preciso que as identidades negras e brancas sejam assumidas, a fim de fugir do mito da democracia racial que nos faz acreditar que não há discriminação por termos um país de misturas étnicas. A realidade levantada pelo texto é a de uma sociedade com legado cultural branco vistos como padrão e as demais culturas como exótico. Como há uma grande discussão acerca do racismo

propriamente dito e não é este o ponto central do trabalho vigente, foquemos na importância que o autor dá ao ato de refletir, para que seja possível a criação de espaços questionadores que permitem desenvolver ações antirracistas na Educação Física.

3. CONSIDERAÇÕES

Com as discussões realizadas, foram notadas diferentes formas de enxergar o empoderamento dentro da Educação Física. O termo é antigo e a depender do autor carrega consigo variados significados. Foi notado que o nome de Paulo Freire possui maior representação nos artigos encontrados, que se respaldam na necessidade de uma colaboração mútua entre indivíduo e coletivo para que se possa ter o real empoderamento, que parte da ideia de um sujeito crítico, que pensa e age conforme as necessidades do grupo social. Entretanto, também foi trazido o conceito de GOMES e CARNEIRO (2018) um viés fortemente ligado ao que diz respeito à estética (valorização dos próprios traços), por compreender que carrega consigo a história da ancestralidade africana, auxiliando na construção da identidade de povos que vivem sob forte influência eurocentrista. Além da importância do empoderamento político e empreendedor que almeja ocupação de negros nos espaços, pensando, criando e colocando em práticas ações pensadas para as demandas de negros para outros negros e os demais.

A Educação Física vem aos poucos trazendo a cultura afro-brasileira para dentro das salas de aula, com base na Lei nº 10.639/2003. Tal lei ainda não assegura a implementação do conteúdo afro-brasileiro nas escolas, como dito por NOBREGA (2020) que explanou sobre o fato de certas instituições não aderirem a esta, entretanto, é um grande passo para pessoas negras e demais etnias começarem a (re)conhecer a história e cultura que vinha sendo apagada ao longo dos anos. Entre as práticas ofertadas dentro do âmbito da Educação Física encontramos jogos e brincadeiras afro-brasileiras, capoeira, contação de história, confecção de bonecas Abayomi, entre outras.

Dessa forma, é possível concluir que hoje o cenário é de mudanças que partem principalmente do corpo docente negro, devido as próprias vivências diante do racismo. Entretanto, há a possibilidade de desconstrução de um olhar racista com auxílio do docente fomentando o pensamento crítico e empático, para que seja possível a propagação de uma formação emancipadora dentro de sala de aula e na sociedade como um todo.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6

BAQUERO, R. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722>. Acesso em: 5 dez. 2021.

CARNEIRO, G. M.; GOMES, I. M. A corporeidade “Das Pretas”: identidade e consumo nas estratégias políticas de empoderamento em um coletivo de mulheres negras na cidade de Vitória. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 1063–1076, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.75059. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/75059>. Acesso em: 4 dez. 2022.

CARVALHO, S. R. (2004a). Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(4), 1088-1095.

NOBREGA, C. C. dos S. Por uma educação física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 34, n. Esp., p. 51-61, 2020. DOI: 10.11606/1807-5509202000034nesp051. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145>. Acesso em: 4 dez. 2022.

NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. dos S.; FREIRE, E. dos S.; MIRANDA, M. L. de J. Práticas corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 1265–1280, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.85020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/85020>. Acesso em: 4 dez. 2022.

OLIVEIRA, K.; GADIOLI, I.; PACHECO, F.; MOREIRA, N. Práticas de empoderamento e desenvolvimento organizacional: o caso em uma clínica de Aracaju (SE). **Revista de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 2, n. 20, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/10183>. Acesso em: 3 jan. 2022.

RAIMUNDO, A. C.; TERRA, D. V. Educação para as relações étnico-raciais na educação infantil: a história de Sophia. **Movimento**, [S. l.], v. 27, p. e27018, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.108168. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/108168>. Acesso em: 4 dez. 2022.

ROSO, A.; ROMANINI, M. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. **Psicologia e Saber Social**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 83-95, jul. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/12203/9505>. Acesso em: 3 jan. 2022.

SOUZA, C.; MOREIRA, D.; BOURGUIGNON, J. Aproximações entre participação e empoderamento em uma perspectiva emancipatória. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 6, n. 11, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/240/231>. Acesso em: 3 jan. 2022.

TOLEDO, A. C. . “E o que eu tenho a ver com isso?” - Um exercício de “imaginação pedagógica” sobre o racismo na prática. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 35, n. Especial, p. 93-97, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.v35inespp93-97. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/187914>. Acesso em: 4 dez. 2022.

KLEBA, M. E. WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. In: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pnCDBh88LDqWwDTx9pGK39h/?lang=pt>, Disponível: 24 out. 2022. 2009.

ENCONTRO Das Pretas trabalha o empoderamento da mulher negra. **Século Diário**, Vitória, 29 jun. 2015. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/cultura/encontro-das-pretas-trabalha-o-empoderamento-da-mulher-negra>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FERNANDA ALVES DE ABREU

**A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROPOSTA DE
EMPODERAMENTO ANTIRRACISTA: uma revisão de
literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em 08/02/2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Luiz Loureiro
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Profa. Dra. Rosely Maria da Silva Pires
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Luis Irapoan Jucá da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
FABIO LUIZ LOUREIRO - SIAPE 2190407
Departamento de Desportos - DD/CEFD
Em 15/02/2023 às 13:51

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/652760?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ROSELY MARIA DA SILVA PIRES - SIAPE 3354957
Departamento de Ginástica - DG/CEFD
Em 16/02/2023 às 11:40

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/653743?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
LUIS IRAPOAN JUCA DA SILVA - SIAPE 414665
Departamento de Desportos - DD/CEFD
Em 15/02/2023 às 16:35

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/653077?tipoArquivo=O>